

POLIZIANO E ARIOSTO

ADMIRADORES DOS DESCOBRIMENTOS PORTUGUESES

A glória que os portugueses conquistaram na exploração das costas ocidentais da África e na descoberta do caminho marítimo para a Índia, o clima de epopeia que atingiram as suas emprêzas verdadeiramente legendárias, não deixaram insensível o espírito dos poetas italianos mais significativos daquella época. Refiro-me em especial a Angelo Poliziano e a Ludovico Ariosto.

O primeiro (1454-1494), viveu pròpriamente no período das explorações das costas ocidentais da África e pôde admirar a audácia de Bartolomeu Dias, que em 1458 dobrou o Cabo da Boa Esperança; o segundo (1474-1533) estava em pleno vigor dos anos quando Vasco da Gama, transposto o Cabo da Boa Esperança, realizou com êxito a travessia do Oceano Índico e chegou, a 18 de Maio de 1498, a Calicut, na costa do Malabar.

Dos dois poetas, Angelo Poliziano, que todavia não pôde acompanhar até ao fim o ciclo das descobertas portuguesas, não contém o seu entusiasmo e escreve a D. João II uma carta em latim, para lhe testemunhar a sua comoção perante tão extraordinários acontecimentos, e exprimir o seu agradecimento em nome de todo o século. Chama-lhe invencível e, mais do que todos os outros reis, digno de honras sempiternas. Êle tinha certamente no espírito a idéia de glorificar, num poema, as admiráveis façanhas dos portugueses naquêl tempo, mas nunca realizou o seu sonho. Mais tarde, Camões, quando empreendeu a sua epopeia, não se esqueceu de Poliziano, que pouco faltou para ter sido seu rival: as «Stanze», tiveram, como se sabe, influência na composição daquêl inesquecível trecho de poesia que é «a ilha dos amores», do canto IX dos Lusíadas.

Não é ocasião para insistir neste contacto entre Poliziano e Camões, mas seria certamente interessante aprofundá-lo noutra altura. Faltam o êxtase e o matiz de Poliziano no episódio de Camões, que, tendo embora presentes as «Stanze», se inspira

na «ilha de Alcina» de Ariosto, dando-lhe porém um tom e um significado particulares.

Retomando o argumento, pode dizer-se que, do entusiasmo de Poliziano, apenas ficou como sinal palpável a carta escrita a D. João II. Não se dá o mesmo com Ariosto: são expressão do seu entusiasmo algumas oitavas do Orlando Furioso, o nosso maior poema a seguir à Divina Comédia, e o trabalho da imaginação italiana mais perfeito por excelência, como diz De Sanctis.

No ouro puro das suas oitavas, Ariosto deixa transparecer a admiração pelos novos Argonautas, digna homenagem de um poeta de altíssima fantasia e que faz parte de um restritíssimo Olimpo de eleitos.

Imagino como o coração de Camões devia exultar quando, ao embrenhar-se na leitura do Orlando Furioso, chegasse à estrofe 21.^a do canto XV.

«Ma volgendosi gli anni, io veggio uscire
Dall'estreme contrade di Ponente
Nuovi Argonauti e nuovi Tifi, e aprire
La strada ignota in fin al dí presente...»

Devia por certo sentir-se mais vizinho do grande cantor e mais ainda devia amar aquêl que lhe era mestre na arte difícil duma oitava encantadora e musical como nenhuma outra.

Eis agora como se apresenta no «Orlando Furioso» o elogio dos navegadores portugueses — Astolfo, liberto por Alcina, mercê da ajuda de Melissa, refugiou-se junto da sábia Logistilla. Esta manda aprontar uma galé para o paladino, que deseja regressar ao Poente, e ordena que Andronica e Sofrosina o acompanhem com fortes armadas.

«Tanto che nel mar d'Arabi, o nel golf
De' Persi giunga a salvamento Astolfo»

Onde estamos nós? Em pleno Pacífico — a ilha de Alcina deu muito que fazer aos comentadores de Ariosto, resolvidos a identificá-la de qualquer forma, tal como «a ilha dos amores» muito fêz suar aos comentadores de Camões. «A ilha dos amores» é Santa Helena, Ceilão ou Zanzibar? E «a ilha de Alcina»? É a que, como pretendem alguns, é chamada por Marco Polo «Zipigu» ou «Sipingu», agora Japão?

Preguntas vãs, problemas mal postos.

A «ilha de Alcina» encontra-se, tôda ela, nos líquidos versos que seguem, delicado produto da alta fantasia de Ariosto:

«Culte pianure e delicati colli
Chiare acque, ombrose ripe e prati molli,

Vaghi boschetti di soavi allori,
Di palme e d'amenissime mortelle
Cedri et aranci ch'avean frutti e fiori
Contesti in varie forme e tutte belle,
Facean riparo ai fervidi calori
De' giorni estivi con lor spesse ombrelle;
E tra quei rami con sicuri voli
Cantando se ne giano i rosignuoli.

Tra le purpuree rose e i bianchi gigli,
Che tepida aura freschi ogn'ora serba,
Sicuri se vedean lepri e conigli,
E cervi con la fronte alta e superba,
Senza temer ch'alcun gli uccida o pigli,
Pascano o stiansi rominando l'erba:
Saltano i daini e i capri isnelli e destri,
Che sono in copia in quei lochi campestri»

(Orl. Fur. C. VI, Est. 20-22)

Quem quiser conhecer verdadeiramente «a ilha dos amores», leia com atenção as dez oitavas (descrição na verdade longa, em confronto com as duas e pouco mais de Ariosto) que vão desde a estância LIX à estância LXIV do canto IX dos Lusíadas.

«Três fermosos outeiros se mostravam
Erguidos com soberba graciosa...»

Leia os versos de Camões, e pode até depois confrontá-los com os de Ariosto, mas deixe absolutamente o problema da identificação.

Encontramo-nos portanto com Ariosto num ponto do Pacífico não determinado, quando começa a viagem de Astolfo.

A viagem é com destino ao Poente, mas, dados os tempos, com direcção ao «Mar d'Arabia» ou ao «Golfo Pérsico», donde depois Astolfo seguirá a pé.

Segue Astolfo com «a fiel escolta», sulcando o mar, mas no

íntimo uma pergunta se lhe impõe... É melhor deixar cantar Ariosto:

«Scorrendo il Duca il mar con si fedele
E sí sicura scorta, intender vuole,
E ne domanda Andronica, se de le
Parti ch'han nome dal cader del sole,
Mai legno alcun che vada a remi e a vale,
Nel mare orientale apparir suole,
E s'andar può senza toccar mai terra,
Chi d'India scioglia, in Francia o in Inghilterra.

Tu dêi sapere (Andronica risponde)
Che d'ognintorno il mar la terra abbraccia;
E van l'una nell'altra tutte l'onde,
Sia dove bolle o dove il mar s'aggiaccia.
Ma perché qui davante si diffonde,
E sotto il Mezzodí molto si caccia
La terra d'Etiopia, alcuno ha detto
Ch'a Nettuno ir piú inanzi ivi è interdetto.

Per questo dal nostro Indico Levante
Nave non è che per Europa scioglia;
Né si muove d'Europa navigante
Ch'in queste nostre parti arrivar voglia.
Il ritrovarsi questa terra avante
E questi e quelli al ritornare invoglia;
Che credono, veggendola sí lunga,
Che con l'altro emisferio si congiunga.

Ma volgendosi gli anni, io veggio uscire
Da l'estreme contrade di Ponente
Nuovi Argonauti e nuovi Tifi, e aprire
La strada ignota in fin al di presente:
Altri volteggiar l'Africa, e seguire
Tanto la costa de la negra gente,
Che passino quel segno onde ritorno
Fa il sole a noi, lasciando il Capricorno:

E ritrovar del lungo tratto il fine
Ché questi fa parer dei mar diversi
E scorrer tutti i lidi e le vicine
Isole d'Indi, d'Arabi e di Persi...»

(«Orlando Furioso», C. XV, Est. 18-22)

Há uma crítica mais recente que tenta demonstrar a íntima seriedade do Furioso, atribuindo à ironia «l'ufficio di smorzatura e di scherzo episodici».

Segundo esta crítica, o «Orlando Furioso» representa o que de mais alto e de mais poético existia no seu século. O motivo heróico que Ariosto empreende cantar no canto XV do seu poema, bem como muitos outros de idêntica nobreza, parece uma vez mais dar razão a uma tese tão empolgante.

Certamente que a audácia dos navegadores portugueses, que ousaram o que jámais alguém tinha ousado, devia impressionar fortemente a fantasia de Ariosto, que dedicou aos novos Argonautas as citadas oitavas. Chama-lhes «Novos Argonautas», imagem esta que se torna a encontrar nos Lusíadas.

«E vereis ir cortando o salso argento
Os vossos Argonautas...

(Lus. C. I, Est. XVIII, 6-7)

E por certo que já não é imagem nova, pois se encontra em Vergílio, quási com as mesmas palavras de Ariosto:

«Alter erit tum Tiphie, et altera quae vehat Argo
Delectos heroas...»

(Ecl. IV, Est. 34-35)

E a ela recorrem também poetas quási dos nossos tempos, para se referirem a audácias consideradas sobrehumanas.

Quem se não recorda dos primeiros versos da ode «ao Senhor de Montgolpier» de Vincenzo Ronti?

«Quando Giason dal Pelvo
Spinse nel mar gli abeti
E primo corse a pendere
Co' remi il seno a Teti...»

Mas nunca como no caso dos portugueses a designação pareceu mais perfeitamente adequada.

Depois, continuando, Ariosto refere-se à descoberta do novo mundo:

«Altri lasciar le destre e le manicine
Rive, che due per opra erculea fersi,
E del sole imitando il carmin tondo
Ritrovar nuove terre e nuovo mondo.»

Colombo, porém, deve ter figurado melhor no poema dum outro dos nossos grandes poetas — Tasso. Também ali nos recordam Ariosto dois versos que se referem a Colombo.

«E la terra misuri immensa mole
Vittorioso ed emulo del sole»

(Jer. Lib. XV — Est. 30)

Em Ariosto a recordação de Colombo parece uma sobreposição. Andronica vai além dos termos da pergunta que lhe é feita por Astolfo.

«E ne domanda Andronica se de le
Parti ch'han nome dal cader del sole
Mai legno alcun, che vada a remi o a vele
Nel mare orientale apparir suole,
E s'andar può senza toccar mai terra
Chi d'India scioglia, in Francia o in Inghilterra»

Ariosto, querendo fazer o panegírico de Carlos V, exagerou as palavras. Não lhe queremos mal por isto, mas é indiscutível que na particular atmosfera do canto XV de Ariosto melhor cabe e vive a ousadia portuguesa.

E, por último, uma breve referência a duas outras passagens do «Furioso», onde comparecem os Portugueses.

Na encarnizada luta entre Carlo e Agramante, encontramos os Portugueses, fazendo também parte dos históricos combatentes.

No séquito de Marsilio aparece Tesira, rei de Ulisbona. Vejamo-lo nesta descrição do canto XIV.

«Storlidano e Tesira e Barbicondo
L'un dopo l'altro mostra la sua gente;
Granata al primo, Ulisbona al secondo
E Maiorica al terzo é ubbidiente

(Orl. Fur. C. XIV — XIII — 1-4)

E ei-lo agora no canto XVIII, quando a batalha é mais acêsa, e o desfalecer de Rodamonte e o súbito aparecimento de Rinaldo mudam a situação a favor de Carlo.

Marsilio...

«Verso gli alloggiamenti i segni invia
Ch'eran serrati d'argini e di fossa
Con Storlidan, col re d'Andalosia
Col *Portoghese* in una squadra possa.

(Orl. Fur. 157 — 1-4)

Assim Ariosto recorda, a par dos Portugueses navegadores, os Portugueses guerreiros. E, indo além dos factos dos versos citados, é natural que sejamos obrigados a pensar que uma terra que deu Viriato e Nun'Álvares, havia de dar por certo um D. Henrique, um Bartolomeu Dias e um Vasco da Gama.

FRANCESCO SESSA